
PEÑA, M. D. L. J. P. Interdisciplinaridade: uma questão de atitude. In: FAZENDA, I. C. A. P. (Org.) *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 2001. 8. ed. p. 57-64.*

LIMERCE FERREIRA LOPES,
do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano

O livro *“Práticas interdisciplinares na Escola”*, publicado em 2001 pela editora Cortez e organizado por Ivani Fazenda, é constituído por uma coletânea de artigos escritos por diversos pesquisadores, alunos de pós-graduação da PUC. Estes, motivados por discussões e reflexões, sentiram-se motivados a relatar suas experiências de ensino a partir de uma proposta interdisciplinar. Nesta resenha será analisado o artigo *“Interdisciplinaridade: uma questão de atitude”*, de Maria de Los Dolores J. Peña, escolhido devido a sua relevância nas discussões acerca do fazer pedagógico, e à crença em que o pensar interdisciplinar exige do professor muito mais do que a competência acerca de seu conceito; exige uma atitude de ousadia para transformar o ato pedagógico em uma atitude significativa, não somente para aluno, mas também para o professor e determinação para fazê-lo.

Peña, ao tecer as primeiras linhas de seu texto afirma a gratificante sensação que é descobrir-se “interdisciplinar”. Reconhece que a complexidade do termo não está somente em sua difícil pronuncia, pois, por mais que as discussões acerca do tema tenham sido inesgotáveis, o trabalho interdisciplinar, em muitas escolas e entre muitos professores, ainda encontra-se no âmbito do discurso demagógico.

Zilberman e Silva (2002, p.16), ao tratar desses aspectos no artigo *Leitura: por que a interdisciplinaridade?*, dizem que a “compartimentação é algo sintomático da maneira como o conhecimento científico circula atualmente, quando a valorização excessiva da especificidade torna o pesquisador ignorante das dimensões globais de seu tema de estudo”; em outras palavras, o pesquisador (podemos aqui considerar também o professor) valoriza demasiadamente o seu objeto de estudo e se engendra nas teias teóricas

* Resenha recebida em 17/09/2010 e aprovada em 22/10/2010.

específicas de sua disciplina e, assim, não consegue ver além do que permite sua disciplina, tornando o conhecimento restrito, limitado. Talvez, isto ocorra por falta de entendimento do próprio conceito *interdisciplinaridade*, talvez por comodismo, talvez por inexperiência ou, quem sabe, pela falta de formação.

Por isso, assumir-se *interdisciplinar* pressupõe uma atitude de coragem, pois requer infringir regras institucionais que transcendem um discurso de visão hierarquizada e autoritária, muitas vezes *imposta* pelos diretores, coordenadores etc, visto que as teorias que estão por traz dos projetos políticos pedagógicos revelam as crenças e valores construídos ao longo de um processo histórico-ideológico, e que nos ensinaram a pensar a educação sob moldes fragmentados. Infelizmente, os resultados desse modelo são quase sempre os de uma educação descontextualizada, fragmentada e desinteressante ao alunado.

É nesse contexto que Peña discute a importante tarefa do professor no fazer pedagógico. Durante muito tempo, ela lecionou Biologia no Ensino médio e sempre a consideraram uma excelente professora devido a sua eficiência em transmitir uma grande quantidade de conhecimento aos seus alunos. Mas, ao longo do tempo, Peña, percebeu que seus alunos, nos momentos de avaliação ou quando realizavam uma tarefa escolar, demonstravam dominar o conhecimento transmitido; passados estes momentos, porém, não conseguiam estabelecer qualquer relação dos conteúdos com sua realidade e descartavam o conhecimento “aprendido”.

Esse fato relatado pela autora não reproduz uma experiência isolada; sabemos que esta atitude se repete dia após dia dentro de sala de aula. Os alunos se veem obrigados a memorizar regras, teorias, conceitos de várias disciplinas e não sabem como aplicá-los à sua vida. Não se prioriza a contextualização do conteúdo trabalhado, não se inter-relacionam os conhecimentos, mas se reproduzem “os currículos organizados pelas disciplinas tradicionais [que] conduzem o aluno apenas a um acúmulo de informações que de pouco ou nada valerão na sua vida profissional.” (PEÑA 2001, p.61)

Outro fator que leva a esse acúmulo de conteúdos que são “despejados” nos alunos é, segundo Peña, a inclusão de novas disciplinas no currículo tradicional, que só faz “avolumarem-se as informações e atomizar o conhecimento” (idem), resultando em um saber cada vez mais *disciplinado*.

É por acreditar que o *fazer interdisciplinar* parte do pressuposto de que nenhum saber ou conhecimento científico é em si racional que Peña diz não poder o professor deixar-se aprisionar pelo medo, pelo comodismo, mas que deve arriscar-se nessa tarefa do (re)significar o aprender, pois é dialogando com outras áreas do conhecimento que podemos ampliar o

conhecimento científico. Paulo Freire (apud GERALDI, 1996, p.92) já dizia que a tarefa do ensinante é

“ousar, no sentido pleno desta palavra [...] é preciso ousar para dizer cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica.”

Peña, motivada pelas discussões e reflexões instigadas nas aulas de pós-graduação, propôs a si mesma uma mudança de paradigma em sua prática pedagógica. Buscou investir na sua formação profissional e, quando assumiu o cargo de coordenadora pedagógica de sua escola, investiu em aprofundar, juntamente com seus professores, em questões relevantes ao ato pedagógico. Ela investiu na proposta interdisciplinar, que acreditava ser interessante para a concretização de uma educação mais sólida, mais real, mais interessante ao aluno.

Aos poucos, os resultados apresentados foram demonstrando, satisfatoriamente, uma modificação que abrangia vários aspectos no ambiente escolar: a relação professor-aluno se tornou melhor, assim como a relação comunidade-escola; os alunos se sentiam mais interessados em desenvolver os trabalhos da escola, os professores preparavam aulas mais interessantes; enfim, a apreensão do conteúdo não era centrada na quantidade, mas na qualidade (o que se ensinar, e como ensinar). Assim, vários projetos que envolviam todas as disciplinas foram desenvolvidos.

Essas propostas, de acordo com Peña, possibilitaram a troca de experiências entre professores e alunos, o que acabou por romper com a visão do professor autoritário, que detém todo o conhecimento. Esse diálogo, que permite a interação, é a chave de um trabalho interdisciplinar, pois quando concebemos o saber numa concepção mais holística, reconhecemos que o objetivo de se ensinar não é somente o de (re)produzir conhecimento, mas, sim, o de levar à reflexão e à transformação daquilo que está ao nosso redor.

Peña trabalhava com a disciplina Biologia, mas nós, que somos “cientistas da linguagem”, contemplamos com mais precisão a possibilidade do fazer interdisciplinar, tendo em vista que, ao trabalhar com o texto, não podemos negar a rica carga plurissignificativa implícita em cada palavra, em cada frase, período, parágrafo tecido. Por meio da linguagem, o leitor se inter-relaciona com as diversas *disciplinas*, que aos poucos se entrecruzam, se entrelaçam e, em cada fio tecido, revelam um pouco do saber sobre o mundo, sobre a vida. Nesse sentido, uma proposta que valorize essa riqueza

simbólica da linguagem para discutir, refletir, criar, construir, pode romper com a idéia de educação como mero produto, e torná-la mais agradável e significativa para o aluno.

Essa experiência relatada por Peña nos faz concluir que assumir uma proposta pedagógica diferenciada, nesse caso, a interdisciplinar, é reconhecer-se como sujeito responsável pela construção de uma sociedade mais democrática, mais crítica, mais humana, tendo em vista que estaremos formando “cidadãos” responsáveis pelo amanhã. Por isso, o desafio da prática deve ser buscado em cada fazer pedagógico: na relação com o aluno, na interação entre professores etc, pois, de acordo com as próprias palavras de Peña (2001, p. 62), “é preciso ter coragem de mudar, de romper com o formal, com o objetivismo, de transformar o ato pedagógico num ato de conhecimento de vida, para que o aluno saiba enfrentar a vida num processo dialético entre teoria e prática”.

A interdisciplinaridade é um dos caminhos que pode possibilitar esse transformar o ato pedagógico, num ato de conhecimento de vida. Fica aqui o convite para que, assim como Peña, o professor busque fazer do ato pedagógico a cada dia uma atitude de consciência, determinação e coragem.

REFERÊNCIAS

PEÑA, M. D. L. J. P. Interdisciplinaridade: uma questão de atitude. In: FAZENDA, I.C.A.P. (Org.) *Práticas interdisciplinares na escola*. 8º ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.57-64.

GERALDI, J. W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: ALB, 1996.

ZILBERMAN, R; SILVA, T. E. Leitura: por que a interdisciplinaridade? In: _____ (Orgs.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2002. p. 11-17.

LIMERCE FERREIRA LOPES é mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás; professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano (IFG); atualmente, desenvolve pesquisas e projetos na área de Formação de professores, Interdisciplinaridade e Educação a Distância.

E-mail: limercelopes@yahoo.com.br
